

**SCHOPENHAUER E O SOFRIMENTO:
 UMA APROXIMAÇÃO COM AS QUATRO NOBRES VERDADES DO
 BUDISMO**

Flávio Rocha de Deus*

Resumo: Tendo em vista as incontáveis menções e evidentes semelhanças entre o pensamento oriental e a filosofia de Arthur Schopenhauer, principalmente em relação ao Budismo e Hinduísmo, neste artigo pretende-se apresentar as considerações do filósofo acerca do sofrimento, tomando como base sua principal obra, *O mundo como vontade e representação* (1818), e demonstrar como sua análise é análoga a do Buda Sidarta Gautama em seu ensinamento das *quatro nobres verdades* e como ambos convergem na caracterização do sofrimento na vida humana, sua existência e potencialização, como decorrência do desejo.

Palavras-Chave: Schopenhauer. Filosofia Oriental. Budismo. Sofrimento.

**SCHOPENHAUER AND THE SUFFERING:
 AN APPROACH TO THE FOUR NOBLE TRUTHS OF BUDDHISM**

Abstract: In view of the innumerable mentions and evident similarities between Eastern thought and the philosophy of Arthur Schopenhauer, especially in relation to Buddhism and Hinduism, this article intends to present the philosopher's considerations about suffering, taking as the basis of his principal work, *The World as Will and Representation* (1818), and to demonstrate how his analysis is analogous to Buddha Siddhartha Gautama's teaching of the *four noble truths* and how both converge in the characterization of suffering in human life, its existence and potentialization, as a result of desire.

Keywords: Schopenhauer. Oriental Philosophy. Buddhism. Suffering.

Introdução

Fui tomado pela miséria da vida, assim como Buda em sua juventude quando se deparou com a doença, a velhice, a dor e a morte ... e minha conclusão foi que este mundo não poderia ser obra de um ser completamente bondoso. Mas sim de um demônio que trouxe criaturas à existência para se deleitar com o sofrimento delas⁵⁶ (SCHOPENHAUER *apud* ATWELL, 1996, p. 81, tradução nossa)⁵⁷.

* Licenciando em Filosofia pelo Departamento de Educação do Campus I da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: rocha.iflavio@gmail.com.

⁵⁶ Apesar desta afirmação pessimista que denota a existência de um ser-criador consciente, com planos e desejos, Schopenhauer, ao sistematizar sua filosofia, em *O mundo como vontade e representação*, não

Schopenhauer foi um dos principais filósofos do ocidente a referenciar diretamente em sua obra o pensamento do oriente, podendo nos levar à consideração de que suas concepções da vida física e metafísica são uma reinterpretação pessimista do conhecimento de vertentes orientais como o budismo e o hinduísmo.

Apesar de indólogos e intérpretes estudiosos de Schopenhauer comumente concordarem que o conhecimento oriental não teria sido o ponto de partida de Schopenhauer para sistematizar sua filosofia, mas apenas um artifício didático para ilustrar sua teoria, na qual “Schopenhauer primeiramente criou a sua filosofia e só então escolheu os conceitos, as ideias indianas que a pudessem justificar” (DECOCK, 2016, p. 29), as conexões e aproximações são inegáveis e abundantes, razão pela qual elas serão abordadas neste trabalho.

Conceitos provenientes do budismo e do hinduísmo encontram-se presentes em toda a sua obra. No próprio *Mundo como vontade e representação*, Schopenhauer em inúmeros momentos faz referência a conceitos advindos das religiões orientais. Em sua obra magna ele usa a expressão *véu de Maia*, conceito oriundo do oriente, carregado de significados filosóficos e mitológicos, porém, sempre com uma mesma acepção, a saber, a de ilusão. Ele faz uma analogia com a ideia de realidade dual, que se manifesta como *Vontade*, a verdadeira essência da natureza, uma força cega e incontrolável que move o mundo, e a *representação*, a forma como essa essência se apresenta para nós. A metafísica schopenhauriana demonstra um rompimento com a filosofia anterior ao caracterizar a essência pura de todas as coisas como irracional, deixando a razão em segundo plano.

Essa definição de realidade pensada por Schopenhauer assemelha-se à noção de mundo *numênico e fenomênico* de Immanuel Kant, filósofo pelo qual Schopenhauer nutria tanta admiração, que possuía uma estátua de seu busto em cima de sua mesa, próxima à sua estátua de Buda (WARBURTON, 2016, p. 148). Entretanto, Kant, em

considera o mundo como um trabalho racional, mas, sim, como uma manifestação não causal (ATWELL, 1996).

⁵⁷ Tradução do (ATWELL, 1996) “Was gripped by the misery of life, as was Buddha in his youth when he looked upon sickness, old age, pain, and death ... and my conclusion was that this world could not be the work of an all-good being. but rather that of a devil who had brought creatures into existence in order to take delight in their suffering”.

sua obra, não nosalaria de *ilusão* e, sim, de *aparência*, pois para Schopenhauer o objeto conhecido é condicionado pelo sujeito.

Trata-se de MAIA, o véu da ilusão, que envolve os olhos dos mortais, deixando-lhes ver um mundo do qual não se pode falar que é nem não é, pois assemelha-se ao sonho, ou ao reflexo do sol sobre a areia tomado a distância pelo andarilho como água, ou ao pedaço de corda no chão que ele toma como serpente (SCHOPENHAUER, 2005, p. 44)

A representação é o objeto em relação ao sujeito, pois tudo “que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 44). Para Schopenhauer, a representação é a percepção subjetiva da realidade, sendo a Vontade a própria realidade, a coisa-em-si. A representação é o que aparece ao sujeito cognoscente, a imagem que se revela não revela nela mesma a essência verdadeira, o que ela é em si, sendo a representação uma *ilusão*. O mundo como representação forma-se através dos nossos sentidos e do nosso entendimento. Sendo a representação apenas a parte exterior da realidade.

Toda intuição é intelectual. Sem a inteligência, não haveria intuição alguma, nenhuma percepção de objetos. [...] para que tomemos conhecimento de um objeto, é necessário, em primeiro lugar, que nossa inteligência relacione cada impressão que nosso corpo recebe a uma causa, que ela transporte essa causa para um lugar do espaço de onde parte o efeito experimentado e que, assim, ela reconheça a causa como efetiva, como real, como um representação do mesmo tipo que nosso próprio corpo (SCHOPENHAUER, 2005, p. 148).

Já com relação à coisa em si, Kant considerava inacessível ao conhecimento humano, pois a mesma se encontraria além dos limites do conhecimento e da razão e é justamente neste ponto que Schopenhauer deixará de acompanhá-lo, pois o que Kant apontava como inacessível ao conhecimento, Schopenhauer considera o pote de ouro de sua filosofia, o enigma do mundo que ele queria entender, a raiz metafísica de toda a realidade, a saber, a vontade, que ele, diferentemente de Kant, admite como algo alcançável.

Viver é, essencialmente, sofrer

Séculos antes de Schopenhauer, Sidarta Gautama também se dedicou à compreensão das engrenagens do sofrimento, ele, que nasceu como príncipe, obteve contato próximo com as dores do mundo logo após renunciar à sua vida de privilégios e

riquezas, quando peregrinou pelo mundo que cercava seu confortável palácio, deparou-se com as mazelas da existência humana, conhecidas como *Os quatro sinais*.

O que é conhecido como os ‘Quatro Sinais’, isto é, um homem velho, um homem doente, um homem morto e um santo recluso [...] Quando viu os sinais, um após o outro, veio a ele a compreensão de que ‘A vida está sujeita ao envelhecimento e à morte’. Ele perguntou: ‘Onde está o domínio da vida em que não há velhice nem morte?’ (DHAMMANANDA, 2002, p. 19, tradução nossa)⁵⁸.

Ele começou então seu questionamento sobre o propósito da vida, sobre o motivo de ela ser cercada de sofrimentos por todos os lados. O Buda Sidarta Gautama criou o ensinamento das *quatro nobres verdades* para nos auxiliar na compreensão dos mecanismos do sofrimento e de quais maneiras seria possível saná-lo para alcançar uma vida de satisfação plena. As quatro nobres verdades “começam com o reconhecimento da prevalência de *Dukkha*⁵⁹ e então procedem analisando sua causa e buscando sua cura” (DHAMMANANDA, 2002, p. 115, tradução nossa)⁶⁰. A primeira *nobre verdade*, a verdade sobre a existência do sofrimento estabelece que: o sofrimento faz parte da vida humana e representa todos os níveis de insatisfação existentes.

Vimos na natureza [...] que a essência Íntima dela é um esforço interminável, [...] Querer e esforçar-se são sua única essência, comparável a uma sede insaciável. A base de todo querer, entretanto, é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual conseqüentemente o homem está destinado originariamente pelo seu ser (SCHOPENHAUER, 2005, p. 401).

Schopenhauer dirá que à nossa volta o sofrimento procura qualquer brecha que lhe permita revelar-se, e, em sua análise, conclui que o sofrimento para o indivíduo será proporcional ao seu intelecto, pois a “proporção que o conhecimento atinge a distinção e que a consciência se eleva, aumenta o tormento” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 399) e sendo o homem a manifestação fenomênica mais perfeita da vontade na natureza, com maior capacidade de raciocínio, é ele quem possui mais predisposição ao sofrimento.

⁵⁸ Texto original “Was known as the ‘Four Sights’, that is, an old man, a sick man, a dead man, and a holy recluse. When He saw the sights, one after another, the realization came to Him that, ‘Life is subject to old age and death’. He asked, ‘Where is the realm of life in which there is neither old age nor death?’”

⁵⁹ *Dukkha* não possui uma tradução literal, apesar de comumente ser traduzido por *Sufrimento*, deve ser compreendido com um significado muito mais amplo, sendo talvez mais adequado compreendê-lo como *desconforto* em seus mais diversos níveis e intensidades (DHAMMANANDA, 2002).

⁶⁰ Texto Original “begin with the recognition of the prevalence of Dukkha and then proceed to analyse its cause and find its cure.”

Buda e Schopenhauer chegam à mesma conclusão: o mundo está cheio de sofrimento. Viver é essencialmente sofrer.

O sofrimento é causado pelo desejo

Para Schopenhauer, a possibilidade de negação absoluta da *vontade* só é alcançada por pessoas que, em seu modo de vida, conseguem negar plenamente os desejos, como, por exemplo, os monges. O mesmo, entretanto, admite que pessoas capazes de negar a vontade existem com a mesma raridade dos trevos de quatro folhas na natureza. Para a maioria de nós, ele dá dicas de como criar barreiras, maneiras de impedir que a *vontade* se afirme plenamente em nossos atos, encontrando assim motivos racionais para a realização das atividades de afirmação plena do desejo.

Tanto o Buda Sidarta Gautama quanto Arthur Schopenhauer concordam com algo: ao subir a escada da expectativa de realizações dos desejos não existe a opção de descer (diminuir a expectativa) gradualmente, degrau por degrau, só existe a queda livre, e quanto maior a altura (expectativa e desejo) maior é a queda (o sofrimento) do indivíduo.

Porém, neste íterim, cabe a pergunta: e se a expectativa for alcançada? Não existiria mais sofrimento? Não, na acepção que apresentamos anteriormente a expectativa alcançada nunca é o fim da vontade de desejar. O sofrimento, proveniente do desejo, sempre nos ronda, em todos os momentos, apenas esperando para se mostrar presente.

Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável. Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio. [...] após o homem ter posto todo sofrimento e tormento, no inferno, nada restou para o céu senão o tédio (SCHOPENHAUER, 2005, p. 401).

Ou seja, ou sofremos por não ter o que desejamos ou sofremos com o tédio que surge após a realização do desejo. Quanto mais se afirmar a vontade, mais carência de vontade o homem terá, assegura Schopenhauer. O Buda Sidarta Gautama ainda acrescentará que, ainda que se consiga o que se deseja, além do tédio, o medo

(sofrimento) existirá pela angústia da possibilidade de perder o que se realizou. O que nos leva à segunda nobre verdade.

A causa do sofrimento humano encontra-se, sem dúvida, nos desejos do corpo físico e nas ilusões das paixões mundanas. Se estes desejos e ilusões forem investigados em sua fonte, poder-se-á verificar que os mesmos se acham profundamente arraigados nos instintos físicos. Assim, o desejo, tendo um grande vigor, já em sua base, pode manifestar-se em tudo, inclusive mesmo, em relação a morte. A isto se chama de a Verdade da Causa do Sofrimento (KYOKAI, 2015, p. 41).

A *segunda nobre verdade* é a verdade da causa do sofrimento. Se a primeira das Quatro Nobres Verdades nos informa sobre a existência do sofrimento e como ele se apresenta, a segunda a complementa explicando o porquê de sofrermos tanto.

Para Schopenhauer, podemos caracterizar como sofrimento tudo aquilo que se encontra como obstáculo para a realização do nosso desejo e como o mesmo diz que a *vontade* é algo que habita todos os seres, a forma mais apropriada de dar fim ao sofrimento é eliminando aquilo que antecede o sofrimento *o querer*.

Cessar o desejo é cessar o sofrimento

Já vimos que o sofrimento é a manifestação violenta da *vontade* e o homem está no mais elevado grau da representação, pois é aquele que possui o intelecto desenvolvido, sendo, portanto, aquele que mais sofre. Tanto Buda quanto Schopenhauer colidem em seus horizontes interpretativos e deduzem que “a única ‘saída’ deste mundo de miséria e sofrimento é a negação da vontade” (ATWELL, 1996. p. 81, tradução nossa)⁶¹, que é ao mesmo tempo negar a causa da dor.

A *terceira nobre verdade* é a verdade da cessação do sofrimento. Ela está relacionada ao fim das ambições e desejos, à renúncia e à libertação das amarras dos prazeres ilusórios. Todos os seres buscam a satisfação e tentam afastar-se o máximo possível de seu antônimo, nessa busca, corremos o constante risco de nos depararmos com o sofrimento, sejam atuais ou futuros.

Sidarta Gautama e Arthur Schopenhauer enxergavam as ações humanas como um ciclo vicioso em que nos mantemos repetindo incessantemente uma vida de boas e más experiências, como um pêndulo que balança para o lado da dor e da satisfação.

⁶¹ Texto Original “the only ‘way out’ of this world of misery and suffering is the denial of the will”.

Schopenhauer diria que é a *vontade* a força responsável pelo balanço desse pêndulo e que temos que barrar essa vontade, paralisando o pêndulo e negando a vontade. A *nobre verdade sobre a cessação do sofrimento* nos faz perceber que todas as coisas são mutáveis e não-permanentes e que o sofrimento vem justamente do apego humano à permanência das coisas, afinal, faz parte da natureza humana desejar incessantemente e manter o desejo que se realizou.

Os caminhos para o fim do sofrimento

Nesta parte da análise das dores mundanas, Schopenhauer e Gautama aconselharão o consumo de diferentes remédios. *Shakyamuni*, prosseguindo seu ensinamento, oferece-nos a quarta nobre verdade, *a verdade do caminho para o fim do sofrimento*, um caminho constituído de oito passos, o *caminho óctuplo*, também conhecido como *caminho do meio*, pois é baseado na moderação e na harmonia, sem cair em extremos (sem afirmar livremente a vontade).

Os oito passos para findar o sofrimento são: “compreensão correta”, compreender o mundo como ele é, não como gostaríamos que fosse; “aspiração correta”, não devemos nos motivar pelos desejos do ego; “fala correta”, falar a verdade, sempre de forma construtiva, compreensiva e compassiva; “ação correta”, não causar sofrimento; “vida correta”, não abdicar de seus princípios em suas ações; “esforço correto”, se dedicar a evoluir como ser; “atenção correta”, estar sempre atento aos próprios atos para impedir de se desviar do caminho correto e, finalmente, “concentração correta”, manter-se focado nas verdades que regem o universo. (DHAMMANANDA, 2002).

Schopenhauer, com ideias próximas ao Caminho Óctuplo, nos relembra que a solução para o fim do sofrimento é a negação da vontade, do “querer-viver”, se pudesse, para nos curar da doença do sofrimento inerente ao mundo, nos mandaria a uma farmácia para comprar pílulas de *ascetismo*, que seriam conseguidas através de ações de negação do desejo como a castidade, pobreza e jejum voluntários e intencionais para tratar da nossa doença existencial.

Conclusão:

Podemos concluir que Schopenhauer possui um considerável afeto em relação à filosofia do oriente, especialmente às ideias do budismo e do hinduísmo, que lhe influenciaram e assemelham-se à sua visão de mundo, transcrita nas obras de sua vida.

Schopenhauer em sua obra magna, *O mundo como vontade e como representação*, segue um caminho parecido com o de Buda ao caracterizar a causa do sofrimento como uma manifestação do desejo. O ciclo de desejar o que não possui, conseguir o que desejou e entediarse para novamente desejar o que não se tem só pode ser interrompido cortando o mal pela raiz: negar a vontade, o desejo.

Comparando Schopenhauer a Buda, podemos ver que ambos seguem um mesmo roteiro de pesquisa do sofrimento: inicialmente eles analisaram o mundo à sua volta, e vendo que todos os seres vivos estão sempre em estado de desconforto e indo em direção a ele, os dois sentenciam: viver é estar fadado a sofrer e o sofrimento é causado pelo desejo de afirmação do desejo, sendo sua única e absoluta cura: a negação da vontade.

Referências bibliográficas:

ATWELL, John E. *Art as liberation: a central theme of Schopenhauer's philosophy* in: JACQUETTE, Dale. (Ed.) **Schopenhauer, Philosophy and the Arts**. New York: Cambridge University Press, 1996. p. 81-106.

DECOCK, Diana Chao. *O encontro de Schopenhauer com o pensamento indiano: influência e legitimidade*. **Revista Voluntás: Estudos sobre Schopenhauer**, v. 7, n. 2, 2016, p. 3-16.

DHAMMANANDA, K. Sri. **What Buddhists Believe**. Kuala Lumpur: Buddhist Missionary Society Malaysia, 2002.

KYOKAI, Bukkyo Dendo. **A doutrina de Buda**. Tradução de Jorge Anzai. São Paulo: Martin Claret, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação - 1º tomo**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

OCCURSUS
REVISTA DE FILOSOFIA

WARBURTON, Nigel. **Uma breve história da filosofia**. Tradução de Rogério Bettoni.
Porto Alegre: L&PM, 2016.